

Ecclesia



Setembro de 1953

Ano 5.º

N.º 23

crente fervoroso pode sentir uma capelinha de aldeia, católica ou protestante, aparentemente quase vazia, certamente pobre, mais cheia e rica do que o indiferente sentirá uma basílica, excessivamente doirada e repleta de altares, estátuas e retábulos. Mas é perfeitamente aceitável que se procure na matéria veículo recordatório e estímulo da vida espiritual. Ainda não se cogitava na realidade das feições de Jesus e não se tentava esculpir ou pintar os santos mártires e confessores, nossos irmãos que são a nobreza da Igreja, e já nas catacumbas a arte balbuciava e murmurava docemente, nas "orantes" esculpidas e no pastor imberbe sobraçando a ovelhinha, ou a videira viridente, figurativos símbolos que serviam a encaminhar o pensamento e a dispor a alma em oração e em comunhão com Cristo.

"Que farei, pois? Orarei com o espírito, mas também orarei com o entendimento", diz S. Paulo na sua 1.ª aos Coríntios, cap. 14, v. 15.

O certo é que no seio do calvinismo, mesmo sem referir a comunhão frequente, como centro do culto cristão, reclamada pelo Pastor Cadier, e outras afirmações esclarecedoras, há um regresso, lento mas sábio, à arte cultivada em liturgia, em solenidade "palpável", digamos assim, em símbolo plástico. Porque a "presença real" de Cristo Jesus é implícita na afirmação calvinista da Graça inerente na Eucaristia.

É bem evidente que nenhum cristão reformado confundirá com "presença corporal" a crença na presença real, derivada da promessa do Senhor: "Onde estiverem dois ou três reunidos em Meu Nome, aí estarei no meio deles". (Ev. S. Mateus, cap. 18: v. 20). Porém, a sensação integral da presença de Cristo, se não é ajudada,

que não o é, pelo excesso de ornato, pela riqueza sensorial, também o não é pela nudez anti-bíblica, anti-lógica e anti-humana.

Ouçamos, porém, agora o senhor D. Manuel Cerejeira, na outra referência a que aludimos: "Nas grandes igrejas de influência jansenista frequentemente o altar ficava muito distante dos fieis, e estes repartiam-se pelas capelas e braços laterais, sem que muitos vissem o altar nem se vissem uns aos outros. A multiplicidade dos altares vinha ainda acentuar esta dispersão e distância".

Vejam-se aqui causas semelhantes, como podem produzir efeitos opostos! Os efeitos extremos tocam-se na causa mater: jansenismo e calvinismo são duas respeitáveis atitudes da alma, na proclamação da soberania de Deus; duas interpretações gémeas, talvez estreitas, porventura unilaterais, do génio de Agostinho. E contudo produziram, uma a nudez do templo, outra o excesso de altares; uma o forçado colectivismo no culto, que depende em grande parte do "ouvir juntos", do "cantar juntos" que é afinal a liturgia; outra o individualismo fatal no templo, onde muitos fieis, repartidos pelas capelas e braços laterais, nem se veem uns aos outros.

Boa lição a da Pastoral, lição tão nobre e sincera, que atinge "tanta obra que por aí se ostenta, falsa como as flores de papel de muitos altares: obra realizada sem drama interior... fruto duma religião superficial, toda feita de devoçõeszinhas, sem corrente viva de Fé e Comunhão com Cristo".

Lição magnífica para os cristãos de vária escola, que os cristãos reformados deverão, pelo seu lado, estudar e agradecer.



FALECEU em 9 de Agosto, em Lisboa, no seu posto de Ministro da Suíça em Portugal, o snr. Dr. Alfredo Brunner,

que era um sincero cristão reformado e cavalheiro muito estimado no meio diplomático desta capital. O facto de sua Esposa, Madame Dora Brunner-Sgourdeos, ser membro da Igreja Ortodoxa Grega deu ocasião a celebrar-se um acto singular, ou

REMINISCÊNCIAS E PERSPECTIVAS



pelo menos pouco vulgar, no nosso país: um serviço religioso ecuménico, num funeral, no qual um presbítero anglicano, capelão inte-

rino da colónia britânica, leu o sublime Salmo 23 e recitou orações do "Commun Prayer Book", da sua Igreja, e, também em inglês, orações do rito ortodoxo da Igreja Oriental; e um presbítero lusitano, o director de "Ecclesia", leu, da "Liturgie" da

Igreja Reformada de Genebra, os textos sagrados confortadores dos doridos e a oração pelos que assistem a uma morte súbita. O Estado Português foi inexcedível de correcção para com a memória do finado, representante duma nação amiga, prestando-lhe as honras militares que são de uso nestas conjunturas, e trouxeram pessoalmente seus cumprimentos de pesar à ilustre viúva, um representante do .Chefe do Estado, ministros da Presidência, dos Estrangeiros, da Educação, da Economia e da Marinha, Chefe do E. M. do Exército, Comandante Geral da Armada, Governador Civil do Distrito, Presidente da Academia das Ciências, Presidente da Câmara Municipal de Lisboa, e muitos outros. E a viúva, na sua desolação, foi alvo de carinhosas manifestações por parte de senhoras de família dos altos elementos oficiais. Entretanto a imprensa diária da capital, com uma evidente falta de capacidade para distinguir os verdadeiros valores na narração dos factos, falta tantas vezes manifestada, omitiu por completo o pormenor do serviço religioso, dando assim aos leitores a impressão falsíssima de que se tratava do funeral dum agnóstico convicto ou dum indiferente arreligioso. Esta omissão foi injusta; principalmente foi uma incorrecção para com a viúva, que até ao embarque no avião que a levava à sua Pátria, terra de cidadãos de consciência livre e de imprensa leal, mereceria todas as provas do velho cavalheirismo português para com os seus hóspedes. Foi lamentável; mas foi assim. Só a leitura do Evangelho restauraria nos Portugueses as suas antigas virtudes. À Família enlutada endereçamos o nosso pêsame.

Está decorrendo em França, desde Junho, e encerrar-se-á no fim do presente Setembro, a comemoração do 8.º centenário de S. Bernardo. Bernardo de Fescelin le Saur (1091-1153) nasceu numa aldeia borgonhesa, de nome Fontaine. Na juventude reuniu, como seis séculos depois João Wesley, seus irmãos e alguns amigos e condiscípulos, num retiro espiritual; e conforme a mentalidade cristã da época levou-os, em número de trinta, a tomarem o hábito beneditino em Cister, na comunidade fundada por Roberto de Molesme em 1098. Dois anos depois era nomeado abade de Claraval, quando essa comunidade tinha um ano de fundada, e logo organizou a sua vida monacal dentro duma grande regularidade, o que

lhe atraiu muitos sequazes. A estes os foi espalhando por diferentes mosteiros que a sua actividade criava. Ganho o grande prestígio que a reforma da ordem beneditina lhe trouxe, usou-o intervindo na política europeia, principalmente a partir dos concílios de Troia e Chalons (1128 e 1129). Prepara os estatutos dos Templários e consegue o reconhecimento dessa ordem militar; contribui para a eleição do papa Inocêncio II, nas lutas contra Anacleto II, dispondo os imperantes a favor daquele; torna-se o propulsor da 2.ª cruzada, a pedido de Eugénio III, que fora monge da sua ordem, e vem a afirmar que o insucesso dessa cruzada foi devido às atrocidades dos seus componentes; no concílio de Sens, de 1140, contribui para a condenação das teorias de Abelardo no campo teológico; toma parte na perseguição a arnaldistas e petrobrussianos, mas é adversário do monge Raul que pretende o morticínio de todos os Judeus. Este é o homem político. Como escritor, deixa-nos cartas, sermões e tratados de mística e teologia doutrinária. Dele diz Bouchitte que o seu estilo é vivo e nobre, o seu pensamento sublime e o discurso delicado, a um tempo cheio de unção, de ternura e de força, enfim, doce e veemente. Filho da sua época, caiu no ridículo da "galantaria mística", diz o crítico, no seu culto à Bendita Virgem.

Miss Dorothy Bushby, tendo frequentado por dois anos, com excepcional aproveitamento, os cursos de português dirigidos pelo adido militar da nossa embaixada na Universidade de Londres, visitou há semanas o nosso país, e do que viu nas nossas pequeninas igrejas dá, no excelente boletim da sua, relativo a Agosto passado, uma resenha muito curiosa, sob o título de "A outra Comunidade". Descrição cheia de pitoresco e de bom senso, que nos faz crer que temos ganho uma amiga sincera. Esta senhora, resta dizer, é parquiana activa e consagrada de S. João Evangelista, em Blackheath. Registemos este sábio final do seu artigo: "Deve ser de uma incrível dificuldade guardar o sentido de proporção para com todos; saber como fazer face ao mar que as rodeia (refere-se a estas "ilhas protestantes", no "mar católico-romano") saber como proceder com as outras comunidades; saber como viver de forma

(Conclui na pág. 8)

À BEIRA DE UMA SEPULTURA

Pelo Rev. A. P. Araújo

NEM sempre há tranquilidade ou resignação no fim de vida. Diz-se que há, apenas pelos lábios. Lá, no âmago, aguilhoa a incerteza do futuro. Para lá da campa: Tudo ou Nada? Manifestar-se-há o poder do Invisível? Poderá, este, ser comovido por engendradas desculpas? Haverá qualquer contrabalanço com o Bem e o Mal? Diante do espectro da dúvida, poder-se-há descansar no sentimentalismo dos que aqui se deixam e que nos foram ligados pelo sangue ou pela amizade? Serão eficientes legados pios para a tranquilidade psíquica, no fim de vida?

Não!

Por mais conjecturas que se façam, por mais razões que se aduzam, o mêdo — incolor e incorpóreo — apresenta-se negro molôso de fauces escancaradas.

Porquê?

Porque a morbidez deste estado gerou-se quando foi perdida a candura da inocência, ou a infância começou a não ter receio do que lhe pintaram ou segredaram. Isto é, quando percebeu a mentira e, pela mesma, brincando, principiou a esconder as suas faltas.

É aqui que tem embrião a incredulidade que se vai locupletando nas dobras de certa religiosidade a rescender em hipocrisia, a qual, cegando, desconfia na prática daquilo a que se chama crença!

Eis a sùmula de um fim de vida que vem a resumir-se no pavor de um: — Ai de mim!

Ora, este "ai de mim!", é o derradeiro arranco do espírito ao esboroar da matéria, ou seja o infinito a desencarcerar-se do finito, apesar deste, até à sua última articulação, implorar socorro da medicina ou dos deuses preconcebidos desde que iludiram a sua infância tornando-a um inoculado hereditário a inocular.

Por outro lado o desagregar da matéria avoluma o mêdo, abrindo este as portas à especulação pia, que logo sugere comunhões antecedidas de confissões, despachantes extremas-unções e implorantes sufrágios. Um triunfo badalando a conversão de pobres e ricos, ignorantes e intelectuais.

Conversão?!...

Esta absolvição da justiça humana apoia-se no pensamento: "mais vale uma hora de arrependimento do que anos de sofrimento". Mas, para a Misericórdia da Justiça Divina será suficiente o mêdo da intranquilidade que a dúvida da última

hora causa? As exterioridades especulativas garantem propiciação? Só a Omnisciência de Deus sabe se o arrependimento da última hora sentiu todo o pêso das culpas de uma vida, bem como o alívio da Graça. Aos que ficam, não é dado este juízo.

Veamos: A especulação apresenta gloriosa uma enfiada de "conversões" da última hora. Não interessa reavivá-las. Basta recordar Guerra Junqueiro, apresentado como converso ao "catolicismo". Dois dias antes do seu falecimento, um dos seus discípulos e admiradores perguntou-lhe: — "Mestre, dizem para aí que se converteu..." Resposta: — "Não. Nunca estive tão longe da "Igreja", porque nunca estive tão perto de Deus".

Que Deus? o deus panteista que revelou na sua obra poética ou o Deus Espírito-incrariado? É difícil fazer uma afirmação, mesmo especulativa que seja; contudo, se Guerra Junqueiro continuava panteista, não houve conversão da última hora cedendo à fórmula. Se o poeta se voltou para o Deus Verdade e Vida Eterna, houve conversão, devendo ter sentido a Graça do Perdão de um Pai-Eterno de quem escarneceu a humanização que dele fez a "Igreja", da qual se confessava muito longe.

Saulo de Tarso foi culto fariseu. Dentro da seita reputava-se convertido a Deus. Não era. Na curteza dos liames sectários humanizava Deus, esquecendo a Misericórdia da sua Omnisciência, aquela Misericórdia que travou a sua marcha perseguidora na estrada para Damasco. Nesse momento deu-se a conversão-espírito e foi renegada a conversão-fórmula. Deste milagre, causa com efeito, despertou a vida-psíquica, até ali entorpecida, para na trajectória de um grande apostolado em que de perseguidor se tornou perseguido, de farto faminto, de livre prisioneiro, revelar que a conversão da vida da Alma, não receia a última hora do Corpo, razão porque afirmou aos Coríntios: — **Sabemos que, se a nossa casa terrestre for desfeita, temos de Deus um edifício, casa não feita por mãos humanas, que durará sempre nos Céus,** (1 Cor., 5:1) e clamando, mais adiante: — **Onde está, ó morte, a tua vitória? Onde está, ó morte o teu aguilhão?** (Idem, 15:55); rematando: — **Ora o aguilhão da morte é o pecado** (Idem, 15:56).

Se o pecado é o aguilhão da morte, para que as fórmulas não especulem o último sopro da vida-terrena, convém não guardar para esse momento, já semi-inconsciente, raciocinar e decidir com tempo, pela Vida-Eterna da Alma.

NO ÁTRIO

- 21 de Setembro: S. Mateus Ap.
 29 de Setembro: S. Miguel Arc. e todos os Anjos
 18 de Outubro: S. Lucas Evang.
 28 de Outubro: S. Simão e S. Judas, Ap.
 31 de Outubro: Vigília de Todos os Santos

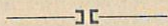
A 4 de Outubro passa o Dia da Comunhão Universal;

A 11 de Outubro, o Dia das Escolas Dominicais;

A 25 de Outubro, o Domingo Universal de Temperança;

A 31 de Outubro o Dia da Reforma Religiosa.

Por esta época, desde o S. Miguel, celebram-se as Colheitas, com Graças a Deus.



NA NAVE

Sermão de cinco minutos

pele Rev. A. F. Arbiol

E vivo, não mais eu, mas Cristo vive em mim.
Gal. 2:20

A Paz de Deus seja convosco.

A submissão a Deus é a característica da verdadeira conversão. Saulo de Tarso, era contemporâneo de Jesus Cristo.

Apesar de jovem e estudar no Colégio Rabínico, poderia ter visto, alguma vez, Jesus ou ouvido os seus discursos, assim como presenciado os seus milagres. Contudo, orgulhosamente, se opunha e resistia às maravilhosas doutrinas que Ele ensinava. O mártir de Estêvão, do qual foi cúmplice testemunha, devia ter produzido na sua alma tão profunda impressão que dificilmente se apagaria da sua memória. O seu coração, cevando, dia a dia, ódio contra os cristãos, obstinadamente se recusava a ouvir a voz da consciência condenando tal sentimento. Porém, desdenhoso e altivo, abafava essa voz, exclamando: "TUDO EU, NADA DE TI". Mas a luta travada no íntimo da sua alma terá de acabar pela vitória de Cristo, porque Saulo recalitra; logo teima, e se teima é porque reconhece o seu erro, mas não o quer corrigir. Por vezes, teria desejado dar tréguas aos maus tratos que infligia aos cristãos, mas tinha avançado demais, para recuar; tinha-se salientado demais para se ocultar;

tinha mostrado maldade demais para tolerar. Do íntimo da sua alma, fustigada pelo conflito espiritual, qual violento temporal, que a conduta moral dos cristãos desencadeara, nasce a incerteza da justiça do seu zelo por Jehová e da obediência à Sua lei. Então, no labirinto da sua confusão, já exclama, umas vezes: "QUERO O EU E QUERO A TI"; outras: "MENOS DO EU E MAIS DE TI". A caminho de Damasco o conflito acabou. Deixando aí, misturado com a poeira da estrada, todo o seu orgulho, ele diz, submissamente, àquele a Quem, por tanto tempo resistiu: "NADA DO EU, TUDO DE TI". Saulo já não dá ordens, recebe-as; já não galopa, anda às apalpadelas; já não açoita, é açoitado; já não persegue, é perseguido; já não faz o que quer, mas faz o que Cristo manda; já não é Saulo, é Paulo. Cristo saiu victorioso e Paulo entrega-lhe tudo, absolutamente tudo. Só ficou com a triste recordação do tempo vergonhoso em que altivo resistia ao seu amor. Entregando-se, sem condições, a Cristo, delega nele a orientação da sua vida. Tal atitude foi o segredo da sua felicidade e do êxito do seu trabalho apostólico. Dir-se-ia que morreu e nasceu outra vez, completamente diferente. De facto, operou-se na sua vida o fenómeno do novo nascimento, porque não se pode nascer para uma vida nova de santidade, se não se morrer para a vida velha do pecado.

No livro "A Garça e a Serpente" recentemente adaptado ao cinema, lê-se esta frase: "A Deus nada se dá, enquanto se não der tudo". Só esta frase vale o livro. Quantas pessoas, nos tempos antigos, têm dado tudo a Deus, dando-se a si mesmas, em holocausto de amor pelo seu semelhante! como os apóstolos e tantos missionários, como Livingstone, e tantos outros; e nos tempos modernos, como o Dr. Albert Schweitzer, célebre missionário protestante, considerado o homem número UM da actualidade. À qualidade de missionário, a que tem dedicado toda a sua vida, alia a de professor de teologia, médico e organista de fama. Deixa a Alsácia, sua terra natal, e parte para a África Equatorial Francesa, onde funda um hospital especialmente consagrado ao tratamento de leprosos. Deus, portanto, tudo a Deus, porque não vive para si, mas sim para os outros. E Jesus nos ensinou que tudo o que damos aos outros, por amor, é como sendo dado a Ele próprio. O nosso maior desejo deve ser fazer alguma coisa por Jesus, que morreu na cruz por nós. E só o conseguiremos morrendo também para o mal, para o egoísmo e o pecado. Esta morte simbólica implica com a vida para Deus em Nosso Senhor Jesus Cristo. (Rom. 6:9-12)
 Amem.

"Calunizantes"

É sabido de todos que falam um pouco de português que quem calunia é caluniador. Caluniador é o que, em certo momento ou circunstância, caluniou alguém; tal como "insinuador" é quem fez certa insinuação e "protestador" quem fez ocasionais protestos ou afirmações.

Ora bem. Cremos que não será descabido considerar "calunizante" ao que faz profissão da calúnia, ou que toma o hábito da calúnia, ou ainda quem cria e usa o método ou sistema da calúnia, com determinado fim e objecto. Não dão os estudos helénicos e hebraicos, por exemplo, quando não são meramente conhecidos mas praticados e ensinados, o título de helenizante e habraizante aos que os cultivam e propagam?

Pois, senhores, estamos assistindo a uma nova técnica da calúnia, consistindo em dar visos de verdade ao que é erro malicioso contra quem, na ausência, não pode defender-se, e presente, não sabe por vezes como fazê-lo. Quem assim procede é "calunizante", é sistematizador da calúnia com um fim genérico e um método calculado. São calunizantes os que chamam "comunizantes", sem lógica, sem provas, sem razão, sem moral, a todos os que não pensam como eles.

Pelas leis da linguagem, se "comunista" é o que deseja impor a toda a sociedade a comunidade de bens e de doutrinas, "comunizador" seria o que organizasse uma comuna de maior ou menor vulto e "comunizante" o que teorizasse e praticasse as doutrinas comunistas. A história da primitiva Igreja Lusitana nos aponta S. Frutuoso de Braga como um talentoso comunizador, ao fazer ingressar famílias inteiras nos mosteiros das suas regras, para os livrar duma sociedade ainda anarquizada e poder assim contribuir para um novo "ethos" social. Marxista, não o foi S. Frutuoso, é claro. O marxismo é dos nossos dias; além do que é doutrina anti-cristã, e S. Frutuoso era cristão.

Cremos não ser necessário reafirmar que nós somos contrários a uma doutrina inspirada no "materialismo histórico". Berdiaeff genialmente demonstrou que o marxismo, mesmo no terreno neutro das doutrinas sociais, já foi ultrapassado; e no terreno da crença cristã nunca ele teria posição aceitável.

Ilustraremos as nossas afirmações comentando vários trechos que nos enviam marcados na vária imprensa, grande ou pequena, que serve a política católica-romana em Portugal. O acervo que aqui temos deve ser um fraco índice do muito que está referendo por aí, principalmente devido à publicidade em prol da leitura da Bíblia, feita desde há tempos nos diários de Lisboa e Porto; mas também reflete a reacção dos espíritos ultra-conservadores perante a "propaganda", nem sempre criteriosa, nem sempre justa, em razão do defeito de origem e da própria atitude moral dos "propagandistas" em diferentes "sectores" do protestantismo. Sobre o que pensamos da "propaganda" e da sua duvidosa eficácia, chamamos a atenção dos leitores para o nosso editorial de há meses. O que aí dissemos atinge toda a propaganda, seja romana ou evangélica, como artificialização do verdadeiro testemunho cristão.

O "Apóstolo da Juventude", de Braga, no seu n.º de 28 de Junho; condena o "meio termo entre a verdade e o erro". Muito bem: nós igualmente. E como a verdade está em Cristo, a Ele seguimos. Foi Ele que respondeu ao pseudo-socialista desejoso da sua intervenção na repartição duma herança: "Quem me fez repartidor entre vós?", e o Mesmo que disse ao capitalista Zaqueu, quando este resolveu dar metade dos seus bens aos pobres e indemnizar em quadruplicado a quem houvesse defraudado alguma vez: "Hoje entrou a salvação nesta casa". A Cristo, e não a quem quer que seja que, dizendo-se Seu vigário, negoceia politicamente, ora com capitalistas ora com marxistas. Esse jornalzinho transcreve das "Novidades" uma acusação ao comunismo, que, para seu interesse, diz, "auxilia e fomenta as seitas protestantes, sobretudo aquelas que à sombra da liberdade religiosa, se prestam a servir de "quintas colunas" em antigos meios sociais católicos..." Só temos que aconselhar as pequenas cristandades a não só defenderem-se dos que as acusam falsamente, como de falsos amigos que as queiram utilizar para seus fins. Quanto ao mais, a conjunção de protestantismo, rotarismo, espiritismo e teosofismo, é um pouco tola. Só se explica pelo desejo de Roma & Companhia, de que ninguém divirja, ninguém pense por si, tudo marche em cadência impessoal, como um friso do velho Egipto. A afirmação de que a "rota" dos rotários é a adaptação manhosa ao meio, esquecendo a sua própria "Rota", faz lembrar a

acusação ao "Triângulo Vermelho" como reminiscência maçónica, esquecendo-se do venerando símbolo da Trindade.

Em 2 de Julho surge no "Comércio do Porto" uma carta não assinada em que é reputado "humanamente vergonhoso" o modo como é feito um anúncio para a leitura da Bíblia, que no próprio jornal saíra.

Não cremos que houve intenção de enganar alguém com esse anúncio, 1.º porque tanto faz ler uma edição como outra, e mente quem reputa falsas as edições promovidas por evangélicos; 2.º porque citar os Doutores da Igreja nas suas exortações a essa leitura, não é processo desonesto, como se atreve a dizer o autor da carta, pois é, por um lado homenagem merecida à sua autoridade, e por outro lado não prova completa aceitação de tudo quanto eles escreveram (até eles tantas vezes se contradizem). O anónimo que vem com tiradas de Catão ensinar aos outros a "perfeição humana", não é mais que um subordinado desse lamentável autoritarismo que tem negado aos humildes o acesso à luz de Cristo. Roma não pode livrar-se da falta de ter proibido a leitura da Bíblia aos leigos, como no Concílio de Tolosa, de 1234, fez expressamente; nem de ter imposto à cristandade sob anátema, uma edição da Vulgata, para depois, em razão dos muitos erros, a ter feito substituir, com novo anátema, por nova edição. Hoje a "inalterável" Cúria recomenda a leitura da Bíblia; e os cristãos reformados, coerente e lealmente, reproduzem os termos dessa nova atitude.

Temos pena, sincera pena, de ter de escrever esta defesa, que toma fatalmente a forma de uma acusação. Também nós, dizemo-lo ao autor da carta, numa vida longa e tantas vezes incompreendida por adversários e por correligionários, temos tido por alvo evitar actos que "lesem a perfeição humana"... "alicerce onde assentará o divino". E sabemos que as retaliações não edificam. Mas que remédio senão censurar, com as energias procuradas nas epístolas de S. Paulo, os "falsos operários" do Amor de Deus?

Para amenizar a amargura em que esta necessária reprimenda nos põe, evocamos com o mais compassivo amor os sete milhões de portugueses acima da puerícia, vítimas duma doutrina avariada em vários séculos, e num crescendo de ambiciosos métodos de embrutecimento.

Vejamos a seguir o "Correio do Vouga",

de Aveiro, de 4 de Julho. Este transcreve um dos anúncios "incriminados", com tarja e tudo (menos o endereço para a compra, está claro) acrescentando-lhe a gratuita acusação, filha dos sentimentos habituais: "engodo traiçoeiro"...

A acusação do **engodo** está respondida. O desejo dum cristão sincero é que outros encontrem o amor de Deus na Sua Palavra, em qualquer edição que seja. As romanas também servem. Referem-se ainda ao facto de se ter apresentado, em outras ocasiões, o papa como sendo o Anti-Cristo. Ora nós cremos que se têm praticado exageros, muitas vezes, no calor da controvérsia. E nesse particular se errou na generalização. A verdade é que "um anti-cristo" é todo aquele que, papa ou leigo, se opõe a Cristo; e, "o Anti-Cristo" é uma personagem cujas características proféticas não parece terem ainda sido realizadas por completo.

Temos agora a nossa já conhecida "Ordem", de 4 de Julho, com um editorial onde o libelo é contra a heresia e o cisma do Protestantismo, nas suas próprias palavras; contra a adulteração e arranjo malicioso dos textos bíblicos. E conclui de aí a proibição de se lerem edições bíblicas que não tenham a aprovação eclesiástica. Tocam-se algumas verdades nesse artigo, e bom seria que os protestantes em geral o lessem, para o que não necessitam de licença eclesiástica... Mas quantos erros há a apontar! Até se iguala a Bíblia à contingente e falível tradição! De resto está no seu papel, acusando de cisma as cristandades que Roma excomunga, ela que é a responsável do cisma de 1054, por querer a primazia universal!

Por último (como o leitor estará cansado!) temos a "Voz do Pastor", também do Porto, de 11 e 18 de Julho. Anuncia folhetos de quatro páginas, colecção "Alerta" (de que chegou às nossas mãos o n.º 1) e previne que cada edição bíblica tem de ser aprovada, não bastando ser reprodução de outra anterior, o que está dentro do plano de despotismo espiritual contra o qual se revoltam as consciências despertadas. Noutros artigos se apontam, duma forma extremamente simplista, os problemas da unidade da Igreja, do valor das alianças de cristãos e seu significado, e vai entremeando os seus dizeres com coisas como estas: "Eles, por vezes, alteram o texto; eles dizem que **cada um pode interpretar como quiser o que ler** (itálico deles)". Outra: "Os protestantes protestam contra tudo o que há de

mais sagrado" (perpétua asneira, que alguns protestantes pouco conscientes têm quase confirmado, pela sua atitude negativista). "Em lugar da Sagrada Comunhão dão a comer uns moletes" (aqui há tartufismo evidente, ocultando-se que Roma admite nas igrejas unidas do Oriente, a Comunhão com pão fermentado). "Um admite três sacramentos, outro admite só um; este afirma que Cristo é Deus, aquele diz que é um puro homem... e todos com a Bíblia na mão".

Essa de três sacramentos ou de um só, é nova. No que se refere às seitas unitarianas, é outra manobra "calunizante", mais que respondida. Se algum protestante ou algum papista diz que Cristo não é Deus, com a Bíblia na mão ou com a Tradição ao pé, quem pode culpar outrem desse erro? Também o diabo, ao tentar Cristo, citou os textos santos.

Outra ainda: "Está nos livros deles: **"Peca quanto quiseres: se tiveres fé, salvas-te!"** Esta não é de D. Basílio? Não há nenhum cristão reformado que não afirme com Sant'Iago, que a "Fé sem obras é morta". O que afirmamos é que indulgências compradas não substituem o arrependimento verdadeiro, missas não alteram o destino das almas dos que partiram, e dezenas de contos não anulam os santos laços do matrimónio... etc.! E vai isto a quem tem a audácia de falar de mercadoria alheia, que é aliás mercadoria de caridade, sem lucro vil, para libertar almas da escravidão espiritual.

E vêm ainda (isto depois da publicação em Portugal de obras honestas, como o "Lutero visto pelos Católicos", do prof. romanista Hess) as velhas calúnias sobre a vida moral perversa dos reformadores que "morreram sem se arrependem, na mais horrorosa desesperação (como é da História)". Assim mesmo o dizem. Já é audácia!

Afinal a doença dos "calunizantes" não é só "brotoeja" nacional, mas uma endemia que se encontra em outros países também. Considere o leitor o que se passou há poucas semanas com um certo senador, de nome Mac Carthy, intérprete ou "pau mandado" da parte super-egoísta da sociedade norte-americana, isto é, dos interesses que se não confessam, mas que se revelam a cada passo, quando acusou o clero protestante daquele país "de estar ao serviço da conspiração comunista". Isto só! Como se não fossem os acumuladores cínicos da riqueza, desprezadores do método de Zaqueu, imitadores do ricoço da

parábola de Jesus Cristo, aquele que tinha na vizinhança Lázaro morrendo de fome, os verdadeiros conspiradores, ininteligentes e inconscientes promotores da revolução surda dos famintos, no Oriente e no Ocidente!

Por felicidade, todos os católicos romanos bem formados nos acompanham nesta doutrina. E felizmente, também, o presidente Eisenhower deu uma dura lição pública ao tal sr. Mac Carthy, lição que ele finge não perceber, mas que todo o mundo livre percebeu.

Triste é termos de imitar Camões, dizendo:

"... entre Cristãos,

alguns têm traído a seus irmãos",

ao ler o comunicado de Washington, em 10 de Março, que o "Primeiro de Janeiro" publicou, sobre a acusação dum certo pastor americano, de que "a última tradução da Bíblia em inglês, da qual se tiraram dez milhões de exemplares, meteu "dedo" comunista. Uma vez provado que assim não é, e bastante literatura defensiva lá por fora se tem publicado, fica o acusador referido, que desde há muito adoptou o método da acusação gratuita, na pobre classe dos "calunizantes".

(Conclusão da pág. 3)

a que o seu título de "Católica Apostólica Evangélica" possa realmente integrar a sua obra".



A Colúmbia é uma das dezasseis nações que, na Coreia, tomaram parte na defesa da nação invadida e agora declararam não consentir na reincidência duma invasão. Nobre, não é? Nobre, sem dúvida. Mas a Colúmbia é uma das nações sul-americanas que, sem respeito algum pela pessoa humana, tem cruzado os braços perante a multidão fanática e incitada pelo seu clero, que destruiu templos protestantes e torturou e assassinou pastores e crentes vários. Até agora os protestos das nações livres não têm dado, que saibamos, resultado digno de registo e de louvor. Outra nação agora marca neste inglório procedimento: a Guatemala, onde foi apedrejado até à morte um jovem pastor de vinte anos. É com imensa tristeza que temos de noticiar factos tão impróprios de nações que se dizem portadoras de princípios de alta civilização.

LUSOGRAMAS

— Faleceu em Agosto findo Eduardo Junqueiro de Matos, que era já há quarenta anos "reporter" do "Diário de Notícias", dos tempos da grande e simpática actividade de Rodolfo Horner na União Cristã da Mocidade de Lisboa. Quantas reportagens excelentes ele fez, nessa era pacífica que antecedeu a primeira Grande Guerra!

— Já repararam que "chicana" e "chacina" se escrevem com as mesmas letras? O caso é que a Inquisição usou ambos os processos, para o confisco das grandes fortunas judaicas e para a eliminação dos adversários que a incomodavam e à Igreja que servia. Era "depuração", como hoje se diz...

— O aparecimento intermitente de notícias acerca da proibição do nu fora das praias e da restrição dele nas próprias praias, notícias que afinal não correspondem a qualquer modificação, é indicativo duma luta entre o paganismo indígena e o catolicismo clorótico que pouco vai conseguindo fora do seu verdadeiro e respeitável meio.

— Ilustre senhora de origem suíça, que pelo casamento usa um nome ilustre português, contou-nos como, cheia de surpresa, visitou um dia uma prisão na sua Pátria, onde o único preso era... o carcereiro; pois não havendo mais que guardar, as autoridades o encarregaram de guardar-se a si próprio! Que lições preciosas de psicologia se encerram neste pequeno facto!

— Terminados os festejos do milénario de Guimarães, queríamos concorrer para a história da vetusta cidade, recordando a perseguição ali sofrida pela nossa Igreja. Falta-nos o espaço e o tempo para resumir o excelente relato do Rev. Armando Pereira de Araújo. Mas esperamos um dia dá-lo por inteiro.

— O "Diário Popular" quis dar-nos uma lição social através da história de Marta e Maria. A intenção foi excelente. Mas vai além das marcas dando-nos uma Maria "boémia, digavante e desprendida", no que se tornava "mais permeável à palavra de Jesus"... Isto vem em fundo de 15 de Agosto. Aqui está no que dá o livre exame sem o consenso. Nem tanto!

— Todo o movimento de regresso que se tem operado em Portugal ainda não levou adultos e

crianças a deixarem de chamar "padreiros" aos sacerdotes que apareçam com suas vestes. Achamos mal que se não respeitem as pessoas, em especial as que representam princípios morais.

— O sr. Miguel Trigueiros, é uma espécie de sacristão que sabe fazer versos, mas inculto em matéria teológica. Encarregaram-no de dizer mal dos protestantes e ele, coitado, cumpre como pode. Mas que vantagens tem a Igreja Dominante, soberana das consciências por direito estabelecido, desde 1940, com essas aleivosias do sr. Trigueiros? As beatas que o escutam na E. N. ficam tão devotas da subserviência papal como eram. Os adversários irrequietos ficam-no mais. Os crentes reformados ficam onde estavam...

NO LAR

~~~~~

### PORTUGUÊS CASTIÇO

JÁ pensastes, amigos leitores, no problema da linguagem dum cristão reformado, ou dum **protocatólico**, como quiserdes dizer e entender? Já meditastes bem naquele sábio princípio de Provérbios: "O que guarda a sua boca conserva a sua alma" e "quem modera os seus hábitos é prudente"?

Assunto vasto e profundo, ainda que aparentemente superficial, é este, se quisermos, como devemos, fugir do desbragamento verbal dos inconscientes e do pretencioso puritanismo dos escrupulosos mórbidos.

Que filão, por exemplo, nos oferece a terminologia vernácula, que os nossos pais nos deixaram, reliquia do pensamento nos nossos avoengos, mais próximos da primeira evangelização galeciana! Há, evidentemente, ganga a expurgar, excrecências a depurar, linfa inquinada a filtrar. Mas fica tanto, ainda, de belo e de harmonioso!

"Rais'parta"! diz o português boçal, quando indignado e torvo. Por todo o Brasil é essa a frase típica atribuída ao emigrante alvar. E até lábios róseos da criancinha a repetirá sem a perceber, e a esses sons se embalarão seus verdes

anos; isto através de gerações sucessivas; e a interjeição que era uma praga fica como uma exclamação sem sentido. Mas nós, cristãos que raciocinamos e sentimos, em um novo teor, revemos as expressões e abandonamos o que nos ofende o tímpano sensibilizado e o coração renovado. Só poderíamos replicar a quem no-la trouxesse, à frase nascida da violência: "Que um raio, sim, da graça divina, assombre e mate o teu homem velho, como fez com Saulo de Tarso no caminho de Damasco, para que o novo homem surja em ti, mais poderoso e benéfico"!

Ouvimos muitas vezes dizer, com referência a um querido morto: "F... que Deus tem...", "F... que Deus haja...". Para o católico-romano há aí talvez uma prece do momento, no desejo manifestou de que Deus mude então a posição final do seu ente querido. Assim pensando, o protestante de fresca data, cuja teologia se baseia na polémica e cuja fé se traduz em luta, condena **in limine** a frase. Mas terá ele razão? Não achamos. A frase só exprime um desejo actual a respeito dum facto que tanto pode ter sido realizado anteriormente como poderá vir a ser realizado um dia. Nada aí se contém acerca do Purgatório romano, ou da transmigração das almas, do espiritismo neobudista, ou da restauração final das "Testemunhas de Jeová". "Fulano, o meu querido, que deixou esta vida, e que eu desejo que esteja desde então no seio de Deus..." Este é o sentido duma frase que serve, em nosso juízo, a qualquer cristão.

Um hábito muito comum — e muito impertinente — é o do peditório "pelo amor de Deus". Este dito estendeu-se recentemente a muitas pessoas que não pedem esmola, mas usam a frase para denotar espanto, censura, discordância ou confusão: "Pelo amor de Deus!" Como quem pede ao interlocutor que repare na enormidade do que diz, ou que mude de opinião. Ora o pedir provoca o dar, e dar é manifestar afeição ou ao menos compaixão, que é já esboço de afecto. Logo tem raiz bíblica, pois S. João nos demonstra, em inspirada eloquência, que o amor ao próximo é sequência e consequência do amor a Deus. Mas o que nos reluta, no caso do pedinte mecânico e do afirmante leviano, é o nenhum respeito com que se usa o nome de Deus. O mesmo se dá com o nome de Jesus, o nome social do Salvador, o Cristo de Deus, em várias frases banais; e até com o nome do Espírito Santo.

Outras formas monoverbais têm uma origem ridícula, como; "Credo!" ou "Cruzes!" São do tempo em que se pensava que para afastar o diabo bastava lembrar-lhe a cruz que lhe tolheu o plano, ou o Credo que lhe rebate as insinuações... Como se não soubessemos, pelo ensino apostólico, que ele até se disfarça em anjo de luz; e que, ao tentar o nosso próprio Mestre e Senhor, citou palavras da Divina Revelação!

Mesmo sem procurar hoje o rico alfobre dos provérbios populares, outras expressões há, muito mais recentes, que são meramente superficiais, degradadoras do significado primitivo; como esta: "adoro isto", "adoro aquilo...". Qual **adoro!** Adoro a Deus, de Quem tudo recebo, e quero conservar o termo "adoro" em seu sentido genuíno e sagrado, porque não tenho na minha língua outro para o substituir, e não quero induzir em erro aqueles com quem falo e cuja mente devo respeitar. Qual "adoro"! Adorar não é termo próprio para calão familiar.

Pertence a esse género de banalidades uma série de locuções de que damos estas amostras: "que gravata tão simpática!" e "que amor de cão!", frases que estão caracterizando a época da "guerra fria", dos edifícios-caixotes, dos quadros em "puzzle" desarrumado e das músicas em fífia sublime, que os "snobs" aplaudem.

O povo, o verdadeiro povo, piedoso no seu âmago, ainda que facilmente derivando para a superstição, também tem seus escrúpulos, mesmo quando mal expressos. Considerai-o por essas aldeias fora, no receio de falar no diabo, sem contudo deixar de o citar, quando lhe faz jeito: "F. pintou a manta", ou "pintou o sardão", ou "pintou o caneco"; "com mil... pipas"; "com seiscentos... macacos", ou: "valha-te... S. Pedro"; ou ainda: "és levado... da maleita", ou: "levado da breca". Algum menos timorato abandona os **eufemismos** e uso as **metonomásias** (desculpai os termos da velha e desprezada retórica de Quintiliano) e então diz: "Ora o diacho!", "ora o demochó!" "cô-os dianhos!" Vemos que o desdem merecido pelo diabo é de pensamento e não de expressão...

Mas vamos agora para o melhor que o tesouro da língua contém.

"Meninos: respeito ao altar da mesa!" diziam os nossos avós às crianças turbulentas, durante a refeição. Deste belo pensamento; que a mesa é um altar de oferta dos dons de Deus aos Seus

filhos e das graças do homem ao seu Criador Pródigo, derivava um respeito que ajudava à gratidão dos corações e à cortesia de maneiras. Comia-se, não se devorava; a sobriedade dirigia, tanto o colóquio como a colação; o sorriso fino tomava o lugar da chalaça grosseira, e as regras de Sócrates e de S. Paulo substituíam o exemplo de Gargântua e Pantagrueu.

"Come para viver, e não vivas para comer", dizia o filósofo grego; e "bebe água com um pouco de vinho, por causa do estômago", escreveu o Apóstolo Paulo a Timóteo, seu filho na fé, o que é receita matriz da peninsular "sangria".

Uma formosa frase que aflora sempre aos lábios do beirão é o grato "bem haja". Já a vamos ouvindo em outras regiões portuguesas, ainda que algumas dificilmente se aclimará. Que riqueza de sentido se contém nessas duas palavras tão fáceis de pronunciar: "Bem haja!" Prestou-me alguém um serviço? Que em bem se transmude nele mesmo. Que ele sinta o prazer do bem que fez. Que esse bem, por mim usufruído seja bem que ele goze no coração bem formado! Que o bem dum momento, que me veio dele, seja permanente bem na sua alma, na sua vida.

E para findar evocaremos essa oração portuguesa do "acender das luzes", essa oração que é uma herança preciosa dos Portugueses de antano: "Deus nos dê muito boas noites, salvação para as nossas almas e graça para o servir!

Amem!"



## NA SEARA

### *Igreja de S. Mateus*

Quando este número entrar em circulação ter-se-á realizado, em 23 de Agosto, a dedicação do novo templo de Vila Franca de Xira, na rua de Almeida Garrett, o qual representa um admirável esforço do povo desta Igreja, com o seu consagrado reitor à frente. Sabemos que houve também um merecido movimento de simpatia da parte de várias congregações a favor desta iniciativa, que se estava tornando uma necessidade premente, devido ao crescente número de fieis e de interessados.

### *Igreja de S. Paulo*

O Externato Evangélico Lusitano que funciona junto desta Igreja, e que tantas bênçãos lhe tem trazido, teve este ano as seguintes aprovações: 3 do 1.º grau, 4 do 2.º. todas com distinção, 1 aprovação em exame de admissão ao Liceu e 2 às Escolas Técnicas.

Também o nosso jovem irmão sr. Manuel de Souza Campos se ofereceu para dirigir um curso nocturno elementar, que já está funcionando em três noites por semana e já tem 9 inscitos. É um bom princípio, que vale a pena desenvolver.

### *Revmo. Bispo de Minnesota*

À hora de sair este número terá dado à Igreja Lusitana a honra da sua visita o Revmo. Dr. Keeler, vindo à Península como representante do Revmo. Bispo Sherrill, Presidente da Igreja Protestante Episcopal dos Estados Unidos. Rogamos a Deus que seja de grande bênção, para as duas nações peninsulares e suas respectivas Igrejas Reformadas esta honrosa visita.



## O Livro e os Livros

—GOSTARÍAMOS de ainda chegar a fazer a história, cheia de pitoresco, das versões bíblicas na língua portuguesa: primeiro no luxuriante quadro da ilha de Java, nesse Oriente de colorido mistério, onde a expressão em português, fora da Inquisição Goesa, se mantinha livre; depois na Lisboa pombalina onde, sob a cabeleira polvilhada do grande reformador político e administrativo, fervilhava a ideia de elevar Portugal ao nível da Europa; depois ainda na "City" londrina e na "Quinta Avenida" de Nova Iorque, onde as Sociedades Bíblicas do século passado procuravam ultrapassar as dificuldades do vernáculo; as suspeitas da Vulgata, na Trinitária de Londres, que afinal foi enganada onde não o suspeitava; a "cortina de fogo" da

Inquisição Portuguesa e as devassas nos navios chegados ao Tejo; enfim tudo isso, para nos darem o "Almeida" sem germanismos de estrutura, o "Figueiredo" sem romanismos de vocábulo, um "Tomás Boys" sem plebeísmos de expressão. Tanto a dizer e tão interessante... algo de inédito que talvez morfa connosco.

Mas por agora queremos perguntar, familiarmente, a algum leitor que tenhamos, na esperança de que o temos: depois das revisões de António de Matos: dos agarotados anónimos contratados pela Trinitária: das duas outras comissões ligadas à Britânica e dos revisores eventuais da S. G. M. e outros editores bíblicos, teremos uma versão que satisfaça a sociedade portuguesa culta? E teremos ao menos, num país de tão grande percentagem de analfabetos, uma versão adaptada ao léxico popular, o desse grande número que só pelo ouvido, não podendo ter o auxílio da leitura directa e da consulta ao dicionário, fica por vezes sem compreender, ou compreendendo erradamente, segundo a sua intuição?

Isso nos faz lembrar aquela mulherzinha de Alfama, tão sincera e tão necessitada, que nem sabemos se nela predominava a necessidade ou a sinceridade, quando dizia ao benemérito e saudoso dr. Bodman: "Ah senhor doutor, leia-me aquela palavra de Nosso Senhor ao pobre leso: "Levanta-te, toma o teu **leitinho** e anda!". Para ela, que não usava o termo "leito" mas "cama" e para quem o verbo "tomar" era quase sempre "beber"; e para quem os sonhos da caridade eram ter quem lhe desse alimento, o que o paralítico de S. Marcos 2:3-12 mais necessitava e que ouvia de Jesus era isso mesmo.

Para nos fazermos compreender, na afirmação da "necessidade vernacular da Bíblia" daremos um exemplo baseado no versículo chamado "o Evangelho em miniatura": "De tal maneira amou Deus ao mundo que lhe deu o Seu Filho Unigénito, para que todo aquele que nele crer não pereça, mas tenha a vida eterna" (S. João 3:16). Há diferenças de construção da frase, em Almeida e Figueiredo, mas os termos que nos interessam agora são os mesmos. Deixaremos a estrutura, que nos parece inteligível para todos, ainda que não igual ao que um camponês diria ("Deus amou tanto, tanto o mundo que..." diria ele). Vejamos então os termos. Quantos milhares de portugueses saberiam dizer o que significa "Unigénito"? Muitos terão pensado que se trata

dum nome próprio, como "Emanuel". Ouvimos pelas províncias de Portugal, na nossa evangelização itinerante de há muitos anos, que "nosso Senhor se chamava Manuel", sem que nos soubessem dizer porquê. Dessa maneira, o nome Unigénito, que apela ao nosso raciocínio para que meditemos num dos mais profundos e sublimes mistérios cristãos, fica letra morta, ou amortecida. Só o pregador a poderá fazer despertar.

Outro termo há naquele versículo que muitíssimos portugueses, ao ouvirem-no, repetem "pareça" em vez de "pereça", por não conhecerem o verbo "percer". Notemos que assim o sentido evangelístico da mensagem se perde completamente. Necessário é ao pregador dar, como deve, sinónima adequada. Mas "como entenderão se não houver quem lhes pregue?" diz S. Paulo. E em que fica a tese da difusão da Bíblia, sem a Igreja que faz a sua exegese e estabelece a sua missão?

Será sempre necessária a missão da Igreja, afirmamo-lo; mas muito bom seria que as versões bíblicas se destinassem **ab initio** ao maior número, a não ser que, como na China, por motivo diferente, houvesse diferentes versões. Lá por maior ou menor riqueza de ideogramas; cá por maior ou menor léxico em uso.

— Agradecemos os op. recebidos: "Doença reumática: sua etiologia, diagnóstico, terapêutica e profilaxia", pelo Dr. Leopoldo de Figueiredo, adjunto da Delegação de Saúde de Lisboa; Separ. de "O Médico", n.º 94, 1953.

— "Três Palácios do Correio na Rua de S. José", por Godofredo Ferreira; separ. do "Guia Oficial dos C.T.T.", 1953.

— "Conferências", 7.ª série doutrinária, da Liga Portuguesa de Profilaxia Social", Porto, 1952.

— "A Acção da Liga de Profilaxia Social em prol do Casamento das Enfermeiras dos Hospitais Civis", Porto, 1952.

— "Hermenêutica", ou Regras de Interpretação das Escrituras Sagradas", por Dr. E. Lund, versão e edição do pastor João de Deus Ferreira, 2.ª ed. Porto, 1953.

— "Not by Bread Alone" (Relatório da Sociedade Bíblica de Londres para 1953.